

Helder Soares

Oração - O poder esquecido do Cristão



UMA ANÁLISE DA ORAÇÃO DE JESUS

ORAÇÃO

O PODER ESQUECIDO DO CRISTÃO

HELDER SOARES

Ad Causam 

TÍTULO: ORAÇÃO – O PODER ESQUECIDO DO CRISTÃO

SUB-TÍTULO: UMA ANÁLISE DA ORAÇÃO DE JESUS

AUTOR: HELDER SOARES

AD CAUSAM © 2011

WWW.ADCAUSAM.WORDPRESS.COM

ADCAUSAM@HOTMAIL.COM

ESTE LIVRO ESTÁ PROTEGIDO POR UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS 3.0.

OS TEXTOS E REFERÊNCIAS BÍBLICAS FORAM EXTRAÍDAS DE (EXCEPTO OUTRA
INDICAÇÃO):

BÍBLIA DE ESTUDO PLENITUDE

© 2001 SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

TEXTO BÍBLICO:

TRADUÇÃO DE JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA

REVISTA E CORRIGIDA, EDIÇÃO 1995

© SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL

OUTRAS REFERÊNCIAS:

MSG, THE MESSAGE© (TRADUÇÃO MINHA)

GWT, GOD'S WORD BIBLE© (TRADUÇÃO MINHA)

A BÍBLIA VIVA©

ÍNDICE

Prefácio	5
O significado da oração na minha experiência pessoal	7
Mais que palavras	9
Colocando as coisas em perspectiva	12
A relevância de Deus na minha oração	17
A quem oramos?	20
O que buscamos?	27
Quanto o queremos?	33
O lugar do “eu”	39
O pão	47
O perdão	54
A segurança	62
Coração de filho	69
Bibliografia	75

Prefácio

Pensei escrever este pequeno livro quando certa manhã o meu pensamento pousou sobre a extraordinária oração que Jesus ensinou aos seus discípulos. Nessa altura apercebi-me como estava longe do padrão que o Mestre estabeleceu. E como longe estava a Igreja. Questionei-me se não estaríamos todos a acomodar-nos ao mais acessível - palavras lançadas ao ar, em jeito de oração, revestidas de espiritualidade quanto baste, mas incapazes de chegar ao coração do Pai. O “porquê?” que se seguiu era inevitável.

Embrenhei-me no estudo daquilo que Jesus tentou ensinar aos seus frágeis e confusos companheiros, procurando encontrar os mesmos ensinamentos para mim, e para a Igreja de hoje. Não creio ter atingido as conclusões finais. Mas, sei convictamente hoje, que esta disciplina cristã encerra em si mesma o poder de atingir o coração do Pai, de mudá-lo e exaltá-lo, e de construir a nossa fé e espiritualidade de um modo que não pode ser, de forma alguma, menosprezado pela Igreja do séc. XXI, que se quer activa e eficaz como nunca, uma vez que “os tempos são maus”.

A questão que se coloca é: “Teremos a coragem e ousadia para aceder ao Poder que Deus coloca à nossa disposição?”. Até quando deixaremos o Pai à espera dos seus filhos, que cheios de ingratidão, não amam a Sua Presença?

A minha oração é para que Deus ilumine a tua mente e coração, da mesma maneira que iluminou a mim.

Deus te abençoe,

Helder Soares
(2004)

Capítulo 1

O significado da oração na minha
experiência pessoal

Mais que Palavras

Colocando as coisas em perspectiva

“A oração na comunidade de Jesus surge livre e espontaneamente de filhos que aprenderam a confiar plenamente no seu Pai.”

John Driver

É com tristeza que olho para a Igreja hoje, e vejo filhos que já não têm prazer em falar com o Pai. Para muitos “a oração é semelhante a uma terra desconhecida. Quando vamos até lá, vamos como turistas. Como a maioria dos turistas, sentimo-nos desconfortáveis e deslocados. Como a maioria dos turistas, andamos rapidamente e avançamos em qualquer direcção.” (Robert MacAfee Brown (1)) As consequências de tal negligência e desinteresse estão bem visíveis. A Igreja de hoje, em muitos lugares, não é mais do que um aglomerado de pessoas, ocupadas com os seus deveres ritualistas, sem paixão, derrotados e vencidos, quebrados pelas adversidades, curvados ao peso da sua própria escolha. O seu primeiro amor esfriou há muito, e segundo a advertência do próprio Jesus, estão em risco de verem o seu castiçal retirado (ver Apoc. 2:4,5), se é que isso já não aconteceu¹.

¹ No Livro do Apocalipse, João recebe uma visão extraordinária de Jesus Glorificado (Ap. 1:9-20). Da visão faziam parte sete castiçais de ouro que o próprio Jesus identificou como sendo sete igrejas (ver. 20). O facto de Jesus andar no meio dos sete castiçais é significativo, simbolizando a Sua presença contínua no meio da Sua Igreja. No entanto, falando a uma dessas igrejas, a de Éfeso, Jesus coloca a hipótese de retirar o castiçal do seu

Mais do que palavras

Pode alguém perguntar, porque devemos afinal orar? Será que Deus não sabe perfeitamente o que precisamos? Ou o que lhe queremos dizer? Em Mateus 6:7,8, Jesus está a falar com os discípulos e diz-lhes que não é necessário fazer orações longas e repetitivas para que Deus os ouça - Deus ouve muito bem! Aliás, diz Jesus, “o vosso Pai sabe o que vos é necessário antes de vós lho pedirdes”. É nesta resposta de Jesus que descobrimos a chave para a compreensão da oração, tal como Deus a aceita.

Jesus ensina os discípulos, e a nós, que quando oramos falamos com o nosso Pai. Como Pai (e como Deus), Ele sabe exactamente o que precisamos e o que é melhor para nós, sem que precisemos de lho pedir. Nenhuma criança vive preocupada com o que há-de comer, ou vestir, porque ela confia plenamente que os seus pais cuidarão de todas essas coisas. Mas, a criança também sabe chegar-se a seus pais para pedir alguma coisa de que sinta falta, ou simplesmente para falar com eles.

Jesus ensina que a nossa relação com Deus é familiar, de filhos para com o seu Pai. E para que esta relação funcione, a comunicação é fundamental. É absurdo pensarmos numa família onde ninguém se fala simplesmente porque todos assumem o que todos querem dizer. No mínimo diríamos que esta família tinha sérios problemas de convivência social e afectiva! Deus quer que

lugar - afastar a Sua Presença, com todas as suas implicações - por causa do mero desinteresse daqueles irmãos!

falemos com Ele! Ele quer ouvir-nos falar dos nossos problemas, contar as nossas vitórias, partilhar as nossas dores, escutar o nosso louvor e gratidão pelos benefícios recebidos... Jesus vai mesmo mais longe, e incentiva-nos a fazermos desse tempo a melhor parte do nosso dia. O momento tão especial em que estamos com o nosso Pai Amado não deve ser partilhado, de tão íntimo que é, ou deve ser (Mt. 6:6). Convém dizer que, aqui Jesus não se referia às orações feitas em assembleia, mas sim às orações particulares e individuais que cada um de nós, como filho de Deus, deve fazer.

Os discípulos conheciam muito bem a importância e o poder da oração. Muitas vezes eles viram o Mestre a orar. Muitas vezes O viram retirar-se para orar. Numa dessas ocasiões, Jesus convidou a Pedro, João e Tiago a irem com ele. Estes homens não estavam preparados para aquilo que iriam presenciar. Lucas descreve assim os acontecimentos daquele dia: “E aconteceu que, quase oito dias depois dessas palavras, (Jesus) tomou consigo a Pedro, a João e a Tiago e subiu ao monte a orar. E, estando ele a orar, transfigurou-se a aparência do seu rosto, e as suas vestes ficaram brancas e mui resplandcentes. (...) E Pedro e os que estavam com ele estavam carregados de sono; e, quando despertaram viram a sua glória...” (Lc. 9:28-36). Ali, diante dos seus olhos, Jesus se apresentou transfigurado em glória. Esta

visão afectou as suas vidas para sempre². E, pensar que por pouco não trocavam este grande privilégio por uma sesta! Durante dias ficaram a remoer aqueles acontecimentos. Quando se refizeram do assombro, provavelmente contaram o que acontecera aos restantes companheiros. E, não é com espanto que, algum tempo depois, quando oravam com Jesus, lhe tenham pedido: “Senhor, ensina-nos a orar...” Eles reconheciam, através do exemplo de Jesus, a importância da oração. Eles tinham visto, e experimentado os seus efeitos. E, agora, humildemente, os discípulos pedem ao Mestre: “Ensina-nos a fazer a mesma coisa.”; “Também queremos ser participantes desse privilégio.”; “Queremos esse poder.”

Escolha sensata a dos discípulos. Eles entenderam que a oração era mais do que palavras. Mais do que uma simples conversa com o Pai. A oração encerra um poder transformador não só em quem a pratica, mas também naqueles que são objecto dela³. Esse poder vem de Deus. Da comunhão íntima, do acesso directo ao coração do Pai. Por isso lemos que “a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos” (Tg. 5:16). Quando oramos em fé, desbloqueamos o poder que Deus nos dá, como Seus filhos,

² Na ocasião estes discípulos não entenderam tudo o que tinham visto. Na verdade o seu assombro era tanto que Lucas nos diz que durante uns tempos eles nem conseguiram falar sobre o assunto (Lc. 9:36). Mas, o impacto que isso teve nas suas vidas foi tremendo! Alguns dias mais tarde, eles pediram a Jesus: “Ensina-nos a orar!”. E, Pedro, muitos anos depois ainda não tinha esquecido o que tinha acontecido naquele monte, pois se refere a essa ocasião na sua segunda carta (2Pd. 1:16-18).

³ Vários estudos científicos já foram feitos tentando analisar os efeitos da oração nas pessoas. A maioria dos resultados aponta para que as pessoas que recorrem à oração e nela crêem têm recuperações mais rápidas de suas doenças, e uma vida mais positiva no geral. Alguns resultados também indicaram que quando se está a orar por alguma pessoa, ela sente os mesmos efeitos. (in ‘A conspiração divina - Dallas Willard’ (2 pp. 274-277)

para implementar as virtudes do Seu Reino. Tocamos o coração do Pai pleno de Amor, que deseja o melhor para os Seus Filhos. Por isso, por pelo menos duas vezes lemos na Palavra de Deus, que orações, feitas por servos fiéis e sinceros, mudaram os planos e o coração de Deus (ver, p.ex. Ex. 32:1-14, 2Rs 20:1-6).

Colocando as coisas em perspectiva

Jesus com paciência e ternura, calmamente começa a ensinar os seus discípulos: “Quando orardes...”. Aquilo que disse veio a tornar-se o ícone da cristandade - a Oração do Pai Nosso. No entanto, e infelizmente, para muitos (se não mesmo a maioria) dos cristãos esta oração não passa de um modelo a ser repetido à exaustão, como se nas suas próprias palavras estivesse encerrado um qualquer poder místico capaz de aliviar ou resolver todos os seus problemas. Para outros ainda, e fruto do exagero destes últimos, a oração que Jesus ensinou aos discípulos é olhada com respeito, mas o efeito que tem sobre as suas vidas é inconsequente, como se não lhes disse respeito a eles, ou como se fossem maduros demais para se ficarem por uma oração tão simples.

Creio que não foi intenção de Jesus ao ensinar esta oração, que ela fosse entendida como o modelo único de falarmos com o Pai, ou que devesse ser repetida ritualmente ao entrarmos à presença de Deus. Ele mesmo advertiu contra as vãs repetições, as palavras desprovidas de sentimento e os ritualismos cegos (Mt.

6: 5-8). Mas, Jesus queria ensinar aos discípulos, e a nós, qual a atitude de que Deus se agrada. Qual o objectivo da oração. O que é importante dizermos ao Pai. O que devemos esperar. Jesus dava um modelo, sim! Mas, um modelo para o coração, não para as palavras! Jesus queria levar os seus seguidores a ver as coisas como ele as via⁴. Jesus nunca procurou esconder nada. E, ele sabia que em breve os discípulos ficariam sós e nenhuma arma seria mais eficaz do que a oração. Por isso, era importante que aprendessem bem. Para que triunfassem!

Nas palavras de Matthew Henry, a base desta oração é o ensinamento de Jesus em Mateus 6:33, dado mais adiante na conversa com os discípulos: “Buscai primeiro o Reino de Deus, e a Sua Justiça, e todas essas coisas (*coisas físicas e materiais*) vos serão acrescentadas”. Jesus claramente mostra aos seus seguidores que ao entrarem para o Reino, abdicam automaticamente de todos os seus direitos pessoais, e passam a viver em função da vontade do Soberano. Isto não significa que, como filhos de Deus e cidadãos do Reino, deixamos de ter vontade própria, ou perdemos capacidades volitivas ou cognitivas. Significa apenas que, da mesma maneira que entramos no Reino, assim permanecemos nele - constrangidos pelo Amor de Deus.

⁴ Deus não pretende manter os seus filhos na ignorância. Em João 8: 31,32 Jesus diz: “Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos, e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. E quando orava pelos discípulos, no fim da sua missão, dizia: “manifestei o Teu Nome aos homens que do mundo me deste; eram teus, e tu mos deste, e guardaram a tua palavra. Agora já têm conhecido que tudo quanto me deste provém de Ti, porque lhes dei as palavras que me deste, e eles as receberam, e têm verdadeiramente conhecido que saí de Ti, e creram que me enviaste.”

Como filhos de Deus, e tendo recebido tamanho favor dele - a nossa salvação - o nosso maior desejo é que Ele seja exaltado e glorificado, tanto em nós como sobre toda a terra. E, sabendo que Deus nem mesmo ao seu Filho poupou por Amor de nós, vivemos descansados na Sua Providência, confiando que em cada momento, ele nos dará o que nos for necessário (Rom. 8:32)⁵. O apóstolo Paulo continua dizendo que por causa dessa confiança que temos por Jesus Cristo e seu trabalho redentor, não importam quais sejam as circunstâncias que atravessamos, pois seremos mais do que vencedores⁶ e permaneceremos no Seu Amor (Rom. 8:31-39). Por isso, um pouco mais adiante, o mesmo Paulo irrompe num cântico de adoração belíssimo: “Porque dEle, e por Ele, e para Ele são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente. Ámen!” (Rom. 11:36).

É porque recebemos tudo isto da parte do Pai, que amamos o Pai e a sua Presença, e queremos fazer a Sua Vontade. E Jesus diz-nos que é com o coração e a mente cheia destas verdades que devemos achegar-nos ao Pai. A oração nunca é sobre os nossos próprios interesses, mesmo quando aquilo que pedimos é para nós. O Filho de Deus sincero sabe e descansa no facto de que o seu Pai é maior do que ele. Por isso, quando ora, ele busca os interesses do Pai, mesmo na satisfação das suas necessidades. E

⁵ “Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como não nos dará com ele todas as coisas?” Rom. 8:32

⁶ “Mais do que vencedores” do original ‘*hypernikao*’ (*hyper* - além do mais, e *nikao* - conquistar). A palavra descreve alguém que é supervitório, que conquista mais do que uma vitória comum, mas que domina em alcançar vitórias abundantes. Esta não é uma linguagem de conceito, mas de confiança. O amor de Cristo conquistou a morte, e, por causa do seu amor, nós somos *hypernikao*. (Ref. Strong 5245; in *Bíblia de Estudo Plenitude* (7))

confia que a resposta que virá, é tanto no seu melhor interesse, como aquela que mais glorifica o Pai.

Talvez seja por esta razão que tantas orações feitas hoje, até mesmo por filhos de Deus sinceros, não passem do tecto do lugar onde estão. O Pai ouve, mas não se agrada. O Pai inclina-se, ansioso, esperando a visita do seu filho, mas recebe uma lista de reclamações, de pedidos egoístas, de lamentos, de palavras elaboradas como que para O impressionar (ou, pelo menos, aos irmãos que estão a ouvir!). E, então, Ele volta o Seu rosto, triste e irado, pela ingratidão de filhos que nem por um momento pensam na glória do Seu Pai. Que nem por uma fracção de segundo, se questionam se os “nãos” de Deus são o melhor para eles. Que nem em sonhos, se interrogam se as provações porque estão a passar não podem ser a única maneira que o Pai tem para chamar a sua atenção.

Jesus ensina que é urgente colocar as coisas em perspectiva. A perspectiva correcta. Aquela pela qual Deus também vê. E, então, se abrirão os céus, e clamor do povo de Deus será ouvido (ver 2 Cr. 7:14)!

Capítulo 2

A relevância de Deus na minha oração

A quem oramos?

O que buscamos?

Quanto o queremos?

“Esta oração ensina-nos a buscar primeiro o Reino de Deus e a Sua Justiça, e que todas as outras coisas serão acrescentadas.”

Matthew Henry

Por aquilo que foi dito atrás, facilmente deduzimos o título deste novo capítulo. Deus é o centro! E, importa também dizer que, Deus tem que ser o centro!

A Palavra de Deus revela-nos que uma vez salvos, recebemos uma nova identidade e cidadania, não só junto de Deus, mas da mesma maneira perante os homens. O Reino de Deus não é algo distante, que poderá vir a acontecer, ou para onde vamos, mas está já no meio de nós (Mt. 3:2). E, por todos os dias que aqui vivermos, somos Embaixadores de Deus (2 Cor. 5:20). Que privilégio!

Demoremo-nos um pouco sobre este pensamento. O apóstolo Paulo escreve aos Coríntios, e fala-lhes do majestoso ministério da reconciliação efectuado por Jesus Cristo na cruz. E, por fim ele afirma: “De sorte que somos embaixadores⁷ da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. ...” (2 Cor. 5:20). Aquilo que Paulo está a dizer é que, uma vez que nós já fomos

⁷ Embaixador, *presbeuo*; Literalmente “ser o ancião” e, depois, “ser um embaixador”, representante de uma autoridade dominante. (Ref. Strong 4243, in *Bíblia de Estudo Plenitude* (7))

reconciliados com Deus, e integrados no Seu Reino, agora somos Seus embaixadores. E qual é o papel do embaixador? Ele é o representante, num país estrangeiro, do seu próprio país, que é a sua autoridade dominante (ver nota de rodapé). Apesar de estar num país estrangeiro, a sua nacionalidade não é anulada! A sua cidadania pertence a outro lugar. E, conseqüentemente os interesses que ele defende são os do seu próprio país. A sua missão é nobre, por que ele representa todo o seu povo! A sua conduta e influência não podem manchar o nome da sua nação. Por isso, aquilo que lemos em 2 Coríntios é de grande importância para nós. Enquanto filhos de Deus, nós representamos o nosso Pai. Vivemos num reino que não é o nosso, onde somos estrangeiros e peregrinos (ver Hb 11:13), mas não deixamos, por causa disso de representar o nosso próprio Reino. E mais, a nossa missão como embaixadores é ainda mais nobre se pensarmos que a nós foi confiado o ministério da reconciliação, pois Paulo diz que é "...como se Deus por nós rogasse."! Deus hoje fala aos homens através dos Seus filhos! É grande a nossa responsabilidade.

Mas, por que falar de tudo isto agora? É que é muito importante percebermos qual é o nosso lugar e qual o lugar de Deus no Seu plano maravilhoso para o Homem. O embaixador não age de acordo com a sua própria vontade, nem buscando os seus interesses. Se assim o fizer, certamente será punido e afastado do seu cargo. O embaixador também não toma decisões que não estejam de acordo com a política definida pelo governo do seu

país. Nem jamais avança sem consultar e escutar as directrizes do governo central. Por quê? Porque ele é apenas um representante. Ele existe para servir o seu país. E, nós? Que tipo de embaixadores somos? Já paramos um pouco para nos questionarmos se estamos a representar bem o nosso Pai? Já alguma vez pensaste se os teus próprios interesses não se estão a sobrepor aos de Deus? Quantas vezes ages por iniciativa própria? Quantas vezes atropelas as directrizes que recebes de cima?

Deus tem de ser o centro!

E a oração é o canal aberto que temos para colocarmos as nossas dúvidas, para pedirmos isto ou aquilo que nos faça falta, para solicitarmos instruções para o futuro, e para louvarmos a soberania do nosso Rei!

A quem oramos

Voltemos à conversa que Jesus está a ter com os discípulos. Eles estavam habituados a pensar em Deus como alguém que estava muito acima deles. Tão acima que parecia distante demais para ser um Deus pessoal. No entanto, ao analisarmos cuidadosamente a Palavra de Deus, não nos parece que alguma vez essa tenha sido a intenção de Deus - manter o Homem à distância.

O que tinha acontecido então? A explicação perde-se ao longo da história do Homem. Já no início, Adão e Eva, por causa do seu pecado se colocaram longe de Deus (Gn. 3:8-10). Apesar de

aquilo que fizeram ter sido muito grave, e motivo mais que suficiente para despertar a justa ira de Deus, parece-me que, de repente, eles se esqueceram que o Deus que agora estava irado era o mesmo que cheio de Amor e ternura todos os dias vinha passear com eles no Jardim do Éden. Esta é talvez uma das mentiras mais terríveis com que Satanás encheu a mente do Homem - a de que Deus nunca nos receberá de volta. Mas, todos os filhos erram, todos os pais ficam irados, os bons pais repreendem e disciplinam os seus filhos, e isso não significa que a comunhão entre eles ficará arruinada para sempre. O pai, porque ama o seu filho, encontrará o meio da reconciliação.

Assim Deus fez. Logo ali no Jardim, ainda com o coração sangrando e a Sua ira fervendo, Deus preparou o caminho da reconciliação. Tal como a parábola do Filho Pródigo tão bem ilustra, Deus não desistiu de amar e buscar os Seus filhos perdidos (Lc. 15:11-32).

A história do povo de Israel demonstra isso mesmo. Apesar de ao longo dos tempos, alguns dos maiores homens de Deus se terem levantado a partir desta nação, a maioria deles era “rebelde e contradizente” (Rm. 10:21)⁸. A ideia que muitos tinham de Deus era distorcida e distante. Eles nem mesmo queriam pronunciar o Seu Nome! E oravam, “Ao Deus de Abraão,

⁸ Aquilo que Paulo está a dizer é extraordinário e deve animar os nossos corações. Acerca de Israel Deus diz: “Todo o dia estendi as minhas mãos a um povo rebelde e contradizente.” (Rm. 10:21). E, Paulo continua: “Porventura, rejeitou Deus o seu povo? De modo nenhum! Que tremendo! Apesar da indisciplina e rebeldia do seu povo, Deus não os rejeitou. Por quê? Porque os amava. E, da mesma maneira, nos ama a nós. Glória ao Seu Nome!

Isaque e Jacó...” muitas vezes porque não poderiam dizer “Ao MEU Deus...” Para eles Deus era conhecido apenas por aquilo que havia feito nas vidas dos outros, noutros tempos, e não por aquilo que Ele fazia nas suas próprias vidas.

Jesus não quer que seja assim connosco. Ele veio mostrar-nos o caminho de volta à Casa do Pai. Ele é o Caminho da Reconciliação que Deus preparou e mostrou a Adão ainda lá no Jardim. Por isso, Ele introduz-nos a um novo nível de intimidade no nosso relacionamento com Deus - Deus é o nosso Pai. A ideia talvez não tenha sido nova para os discípulos. Como judeus eles já pensavam em Deus como Pai, mas de uma forma totalmente errada. Deus era um Pai tirano, disciplinador, cheio de afazeres e era necessário tudo fazer para constantemente o agradar. Era um Pai distante do coração de seus filhos. Mas, não era desse Pai que Jesus estava a falar.

Na sua carta aos Romanos, Paulo expõe a estes irmãos a nova vida debaixo da Graça, alcançada por intermédio de Jesus Cristo. E no versículo 15 do capítulo 8, fala-lhes assim: “Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adopção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai.”. E, continua dizendo: “O mesmo Espírito (Santo), testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.” (ver. 16). Ainda noutra ocasião, ao escrever aos Gálatas, lhes diz: “E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai.” (Gl. 4:6).

Era desta realidade que Jesus estava a falar quando ensinou os seus discípulos a que orassem: “Pai nosso, que estás nos céus...”. É a realidade da reconciliação. E, se atentarmos para a declaração de Paulo entendemos que, como filhos temos toda a liberdade para nos chegarmos à presença do Pai. Ele diz que o espírito de temor, com que Satanás durante tanto tempo nos afastou de Deus, deu lugar ao espírito de filhos. E, vai mesmo mais longe dizendo que é o próprio Deus que confirma nos nossos corações que somos filhos, para que não haja dúvidas. E que é Ele, através do Espírito Santo que nos ensina e estimula a desenvolvermos esta relação paternal (ver de novo, Gl. 4:6).

“Aba⁹, Pai.”. Este vocativo ao nos dirigirmos a Deus lança duas ideias base para as nossas petições.

1ª - O Amor terno e respeitoso que devemos sentir por Deus, como o que as crianças sentem por seus pais.

2ª - A forte confiança no amor de Deus por nós, como o dos pais para com os filhos.

Já dissemos que o centro da nossa atenção tem de ser Deus. E, na verdade, todas as petições nesta oração que Jesus ensinou estão relacionadas com a palavra Pai. As primeiras reflectem o Amor que temos por Ele, e o desejo natural de vê-lo honrado e glorificado tanto em nós como nos outros. As últimas reflectindo a

⁹ Aba, é um diminutivo aramaico íntimo para pai, usado pelo próprio Jesus ao dirigir-se a Deus. É o equivalente a papá ou paizinho.

confiança no amor que Ele tem por nós, demonstrado no cuidado constante pela nossa vida. Precisamos manter em mente que, se já somos filhos de Deus, temos um Pai que nos Ama até ao limite, e que não poderia amar-nos mais do que nos Ama.

Só uma pequena nota antes de prosseguirmos. Jesus ensinou-nos a dizer “Pai nosso...”. Não meu Pai, mas, nosso Pai. O coração do filho de Deus é fraterno. Ele sabe que faz parte de uma grande família, e não pede nada para si mesmo que não deseje tão ardentemente também para os seus irmãos.

Antecipando talvez o risco de alguns abusarem da ideia familiar de Deus como Pai, Jesus não deixa de focar a nossa atenção nAquele que é o nosso Pai. Agora podemos sentir a Deus como nosso Pai, porque na realidade Ele é, mas não pensemos nem por um segundo que por causa disso Ele deixou de ser qualquer outro dos Seus atributos. Deus continua exactamente o mesmo (Tg. 1:17), a nossa percepção dEle é que mudou. E, então, Jesus nos ensina a orar ao “Pai nosso, *que estás nos céus...*”.

Esta é uma lembrança que traz à luz algumas verdades que precisamos manter em vista na nossa vivência da oração. Todas elas dizem respeito a aspectos do carácter essencial de Deus. Apontam-nos para um Deus Soberano, Majestoso e Onipotente, para quem nada é difícil demais. Mas, também revelam um Deus Santo e Puro, que não pode ser complacente com o pecado na vida dos seus filhos.

A SUA OMNIPRESENÇA. Dizer que Deus está nos céus não é o mesmo que dizer que Ele está num lugar longínquo e inacessível. Pelo contrário, é uma afirmação da Sua Omnipresença - Ele está em toda a parte. Em 1Rs. 8:27 lemos esta oração de Salomão: “Mas, na verdade, habitaria Deus na terra? *Eis que os céus e até os céus dos céus te não poderiam conter*, quanto mais esta casa que eu tenho edificado.” Nem os Céus podem conter a Presença de Deus, porque ela se espalha por toda a parte. Ele é Omnipresente! Isso significa que Deus está contigo quando oras. Perto de ti!

A SUA MAJESTADE E DOMÍNIO. O facto da Presença de Deus encher os Céus e a terra demonstra a Sua Grandeza e Soberania. “Ah! Senhor, Deus de nossos pais, porventura, não és tu Deus nos céus? Pois tu és dominador sobre todos os reinos das gentes, e na tua mão há força e poder, e não há quem te possa resistir.” (2 Cr. 20:6). Esta foi a oração de Josafá a Deus quando os amonitas se ajuntaram para a batalha com ele. Ele reconheceu a sua própria fraqueza e olhou para o absoluto domínio de Deus. Quando oramos, precisamos manter presente que Deus está no controlo de tudo quanto acontece. Ele é o Senhor das circunstâncias.

O SEU PODER E FORÇA. Ainda na passagem acima Josafá louvou a Deus pelo Seu Poder. Gostava de chamar a tua atenção para uma coisa que ele disse: “...e não há quem te possa resistir.” (2 Cr. 20:6). Ao orares não te esqueças que estás a falar

com Aquele que detém o poder sobre as circunstâncias, e que pode mudar as coisas diante de ti.

A SUA OMNISCÊNCIA. “ O Senhor olha desde os céus e está vendo a todos os filhos dos homens; da sua morada contempla todos os moradores da terra. Ele é que forma o coração de todos eles, que contempla todas as suas obras.” (Sl. 33:13-15). Deus conhece-te. As tuas fragilidades. As tuas ansiedades. As tuas lutas. Ele sabe o que é que te faz feliz. E também aquilo que destrói a tua vida. Porque é Ele que forma o teu coração. E porque vê tudo aquilo que fazes. Quando fores à Sua Presença, não adianta tentar esconder nada. Nem precisas de explicar quatrocentas e setenta e três vezes o que se está a passar contigo, porque Ele sabe. Deus só está interessado em que tu abras o teu coração diante dEle. Ele está a espera de te ouvir dizer que o Amas. Que sabes que Ele está no controlo Que confias que Ele fará o melhor acontecer. Que precisas de ajuda.

A SUA PUREZA E SANTIDADE. A santidade infinita de Deus não pode ser maculada pela nossa atitude errada em relação a Ele. Em Isaías 57:15 lemos: “Porque assim diz o Alto e o Sublime, que habita na eternidade e cujo nome é Santo: Em um alto e santo lugar habito e também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e para vivificar o coração dos contritos.” Que realidade maravilhosa! O mesmo Deus Santo que enche os céus, habita connosco, em nós! Deus deseja reflectir a Sua Santidade em nós para nos dar vida. A única maneira de

darmos solução à nossa vida é deixarmos que a Santidade de Deus nos transforme.

E assim voltamos à ideia inicial. “A velha fórmula “Pai nosso que estás nos céus” passou ao longo dos séculos a significar “Pai nosso que estás distante no espaço e no tempo”. (...) O sentido é: “Pai nosso que estás sempre perto de nós”. (Dallas Willard. *in* “A Conspiração divina” (2 p. 285)).

O que buscamos

Lembro-me de uma música que diz qualquer coisa como isto: “Sou insaciável na minha busca por Ti...”. Penso que era esta atitude de coração que Jesus quis ensinar aos discípulos com esta oração. Uma busca incessante por uma maior revelação do carácter do Pai em nós, a expansão do Seu Reino, e uma compreensão real da Sua influência no nosso viver diário.

As primeiras petições que lançamos a Deus dizem respeito directamente à posição que Ele ocupa em nós e sobre toda a terra, e são o reflexo do ensinamento de Jesus: “Buscai primeiro o Reino de Deus e a Sua Justiça...” (Mt. 6:33). A nossa busca por Deus não pode ser dissociada daquilo que Ele é, nem do Seu Propósito e Vontade.

Com as palavras “Santificado seja o Teu Nome...”, Jesus ensina-nos a elevarmos e reverenciarmos Deus acima de todas as coisas. A palavra *santificar* tem a ideia de tornar santo, ou seja separado, puro e consagrado, venerado. Esta mesma palavra é

usada na Bíblia várias vezes com respeito a muitas coisas diferentes, sendo uma delas em relação aos utensílios que seriam usados no templo. Estes eram santificados, ou seja, separados de todo o seu uso natural e comum para o serviço exclusivo do Senhor.

Vemos também esta palavra usada em relação a pessoas. Paulo usa essa expressão numa bênção dirigida aos tessalonissenses. “E o mesmo Deus de paz vos *santifique* em tudo; e todo o vosso espírito, alma e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.” (1Ts. 5:23, *ênfase meu*). Aqui a ideia é a de que Deus separe aqueles crentes, e os coloque num lugar distinto e especial onde estariam guardados das aflições e corrupção do mundo.

Ao aplicarmos estes conceitos a Deus resulta que o nosso desejo é que o Seu Nome (carácter, natureza e vontade) seja amado e venerado mais do que qualquer outro, colocando-O assim numa posição distinta de todas as outras coisas e/ou pessoas. Isto é adoração. As nossas orações não devem tornar-se uma lista fria e exigente de pedidos a Deus. Mas, pelo contrário, entramos à Sua Presença com os corações quentes e alegres, em louvor e adoração Àquele que temos conhecido como Pai. Não resisto a citar Bill Hybels do seu livro “Ocupado demais para deixar de orar” (3): “Não permita que as suas orações se transformem numa lista de pedidos para o Pai Natal. Adore e louve a Deus quando em oração.”

Mais do que as nossas palavras, Deus deseja o nosso coração. Ele deleita-se na adoração dos Seus filhos. Nota que eu disse “... na adoração...”! Quantas vezes enchemos as nossas orações de “palavreado santo” - tantas vezes confundido com adoração - mas que não passa de frases que ouvimos e aprendemos ao longo da nossa experiência cristã. São realidades que sabemos ser verdadeiras. Mas, infelizmente, nem sempre as sentimos no nosso coração. Nem nos deixamos dominar por elas.

Há uma diferença entre aquilo que sabemos que é verdade, e aquilo que é verdadeiro para nós e em nós. Se a adoração não sobe do teu coração, isso não passa de palavras. Se ela não domina a tua vida, em todo o instante, isso é esquizofrenia espiritual. É coração dividido. Isaías traz profecia da parte do Senhor que diz: “Pois que este povo se aproxima de mim e, com a boca e com os lábios, me honra, mas o seu coração se afasta para longe de mim, e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens, em que foi instruído.” (Is. 29:13). Anos mais tarde, Jesus aplica esta profecia aos escribas e fariseus. Esta acusação deve ter vindo como um choque para eles. Os escribas e os fariseus eram os homens mais religiosos que podia haver. Esforçavam-se até à exaustão por cumprir todos os mandamentos. Impressionavam a todos com as suas longas orações. Tinham sempre a palavra certa e espiritualizavam a mais comum das questões. Como eles deviam ser santos! E como Deus se devia agradar deles - poderiam pensar os outros. Mas, a estes

Deus diz que estão longe. As suas palavras não enchem o coração de Deus. As suas obras são vazias e inúteis. Nota que Deus reconhece a sua persistência. Eles aproximam-se de Deus. Eles não falham a um culto. São os primeiros a chegar. Oram sempre. E muito! Têm aparência de piedade. No entanto, eles não conhecem a Deus. O seu coração está distante. Aquilo que fazem é automático. Aprenderam-no com outros. Ou caíram na rotina de o fazer, como uma obrigação. “Aos Domingos é dia de ir ao culto.” “Orar antes das refeições.” E fazem isto com a mesma mecanicidade com que no supermercado passam de corredor em corredor atirando as compras para o carrinho. Jesus não tem problemas em dizer o que eles são. Nós não devemos ter medo de o dizer também: Hipócritas!

Se queremos saber aquilo que Deus pensa acerca de nós, a maneira como ele nos vê, como Igreja, devemos procurar no Livro do Apocalipse. Ali, Jesus dirige-se directamente a sete igrejas que enfrentavam os mesmos problemas que nós enfrentamos hoje. Nelas Jesus revela que conhece as Suas igrejas. Deus conhece-te! Jesus chama a atenção para os problemas que precisam ser resolvidos. Deus avisa-te! E nelas, Jesus assegura que está pronto e perto para ajudar e perdoar. Deus recebe-te de volta! Mas, em tudo isto é necessária a atitude de coração que Jesus nos ensina a ter: “santificado seja o Teu Nome...”.

Santificar a Deus não é uma coisa que é feita só aos Domingos quando estamos na Igreja, mas é a atitude de adoração

e reverência ao Senhor que colocamos em tudo aquilo que fazemos. É fazermos tudo como que para o Senhor. Para que Ele se destaque. Para que Ele seja reconhecido. Para que Ele seja desejado e amado por outros. “Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus.” (1 Co. 10:31).

Gostaria de realçar um aspecto que me parece importante. Deus avalia a natureza das nossas acções de uma maneira distinta da nossa. Tomemos um exemplo: o comer e o beber. Dificilmente alguém contestará dizendo que estas são actividades inerentemente más e pelas quais alguém poderá ser levado a juízo. No entanto, Deus vê de maneira diferente. Voltemos a nossa atenção para o versículo 7 do mesmo capítulo 10 de 1 Coríntios. “Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles; conforme está escrito: O povo assentou-se a comer e a beber e levantou-se para folgar.” Deus está a condenar o povo, e acusa-os mesmo de idolatria, por causa de uma festa! O que pode haver de errado quando comemos e bebemos? Quando isso toma o lugar de Deus, é idolatria! Quando não o fazemos para a glória do Senhor! (1 Co. 10:31)

Não podemos orar, e dizer a Deus que o nosso desejo é que Ele seja santificado, quando depois buscamos em primeiro lugar os nossos interesses e o nosso prazer. Assim, estamos a ser hipócritas diante de Deus. Devemos glorificar a Deus em todo o tempo. Com os nossos lábios ao falarmos palavras temperadas com

sal, pacificadoras e que trazem benção aos outros. Com os nossos pensamentos que levamos cativos diante de Deus e deixando-nos dominar pelo Seu Espírito Santo. Quando buscamos a glória de Deus mesmo nas tarefas mais comuns e insignificantes. Quando educamos e edificamos as nossas famílias no temor do Senhor. Quando nos nossos empregos somos honestos, sem roubarmos.

Nada dará certo na nossa vida enquanto não focarmos a nossa atenção nAquele cuja grandeza e bondade sustentam todas as coisas. “O Seu Nome deve então receber o maior respeito possível. Enquanto isso não se der, a bússola humana estará sempre apontando na direcção errada.” (Dallas Willard, *in* A Conspiração Divina (2 p. 287)).

Há um outro aspecto que nos ajudará a compreender melhor a importância da sinceridade da nossa adoração. Como já vimos, a oração é o meio que, como filhos de Deus, temos para nos dirigirmos ao nosso Pai Celestial. E, é nesta dimensão familiar que achamos um pouco mais de luz sobre este assunto. Deixo-te com uma transcrição do comentário que mais abalou a minha vida sobre este assunto. Não acho que seria capaz de o dizer melhor.

Santificado seja o Teu Nome, “é também o pedido natural de uma criança que ama o seu “Aba”, o seu Papá. Como sabemos, o coração da criança magoa-se profundamente ao ver os pais desonrados ou atacados. Tal ataque abala as próprias fundações da existência da criança, pois os pais são o seu mundo. (...) esta é a oração de um filho que adora o seu pai, de um filho zeloso de

seu pai. Importante também é sentir o anseio de que o “Aba”, que neste caso é realmente o maior, seja reconhecido como tal. Importa ponderar, meditar neste facto, quem sabe até chorar de tristeza diante da constatação de que Deus não é considerado assim. Importa sentir o *abalo* da criancinha que se depara com pessoas que não acham a sua mãe ou o seu pai o maior e melhor do mundo. E precisamos então transferir esse abalo para a falta de admiração e confiança que o mundo humano demonstra em relação ao nosso Pai que está nos céus.” (Dallas Willard, *in A Conspiração Divina* (2 p. 287))

Quanto o queremos

O que acabaste de ler revela um pouco da intensidade com que o nosso coração deve arder de paixão por Deus. Sendo Ele efectivamente o Maior, e tendo nós o privilégio de sermos Seus filhos, é com o coração cheio de orgulho (no sentido em que nos sentimos honrados) que nos dirigimos a Ele, e O adoramos, e nos abandonamos completamente na Sua Vontade. O próximo passo na oração que Jesus ensinou aos discípulos introduz-nos na questão: “Até onde estás disposto a ir para demonstrar o teu amor pelo Pai?”.

Jesus ensina-nos a orar pela vinda do Reino de Deus e pela aplicação soberana da Sua Vontade. “Venha o Teu Reino. Seja feita a Tua Vontade, *tanto* na terra como no céu.” (Mt. 6:10). A definição mais clara e simples que já ouvi sobre o que é o Reino

de Deus é esta dada por Dallas Willard (2): “...o Reino de Deus é o alcance da Sua Vontade eficiente, ou seja, é o domínio no qual aquilo que Ele prefere é o que de facto acontece.”

Olhando para o mundo à nossa volta rapidamente nos apercebemos que embora Deus seja Soberano e Todo-Poderoso, o alcance da Sua Vontade eficiente não é total. Se assim o fosse não haveria guerras, fomes, doenças mortais, famílias desfeitas, escravos das drogas, violadores, assassinos, ditadores, mentirosos, adúlteros, bebedores, e toda espécie de homens iníquos que infelizmente são a maioria da população deste planeta. O Homem vive debaixo do domínio de outros reinos. E, estes opõem-se ao Reino de Deus. Ao fazermos esta oração pedimos ao Pai que anule o domínio destes reinos, e os alcance com a Sua Vontade eficiente.

Creio que o alcance desta oração vai desde o momento presente e se estende até ao momento futuro em que o Reino de Deus vai ser efectivamente estendido sobre toda a terra, submetendo a Si toda a criação e destruindo para sempre os Seus inimigos. (ver Dn. 7:14 -27; Is. 9:7)¹⁰. Como filhos de Deus, já experimentando as realidades do Reino, e conhecendo o nosso Pai, ansiamos pelo dia em que Jesus Cristo voltará para estabelecer definitivamente o Reino que lhe foi confiado pelo Pai. E por isso clamamos: Maranata! Vem, Senhor Jesus, vem! (Ap.

¹⁰ Daniel teve uma visão dada por Deus acerca das coisas que haviam de acontecer nos últimos dias. Da explicação que recebeu entendemos que durante um pouco de tempo os inimigos de Deus tentarão destruir o Seu povo e tomar o Seu lugar, mas no tempo escolhido por Deus, todos eles serão destruídos e o Reino de Deus será estabelecido para sempre. E nele, nós, os Seus filhos, gozaremos de felicidade eterna.

22:17) Oramos assim, não só pelo desejo ardente que temos de estar na presença do Pai, mas também porque isso significa que a nossa salvação estará completa. Aquilo que agora temos por promessa será real. Estaremos livres de toda a influência do pecado. Aliás, estaremos livres de todo o pecado, porque este não pode existir na presença de Deus. Receberemos a herança que está guardada para nós nos céus. Deus enxugará dos nossos rostos toda a lágrima. Não haverá mais doença. Não mais dor. Ou morte. É olhando para este futuro que rogamos a Deus: “Venha o Teu Reino...”

No entanto, não considero que a oração se esgote aqui. Não penso que Jesus quisesse apenas direccionar os nossos olhos para um momento futuro, ainda que este seja verdadeiramente glorioso. E, isto porque, a palavra de Deus claramente afirma que o reino já chegou. E está entre nós. (ver Mt. 3:2). Lancemos, portanto, um olhar mais profundo no sentido que Jesus incute nestas palavras.

A segunda parte desta petição expressa o desejo de ver a vontade de Deus realizada, publicada, mostrada, estabelecida, usada em grande escala (é este o sentido de “seja feita”) no mundo de hoje. Nenhum filho de Deus sincero pensa que é mais merecedor da misericórdia de Deus do que qualquer outro homem. Nem sente em si mesmo a vontade de esconder aquilo que recebeu de Deus, como um filho invejoso que não conta aos seus irmãos que a mãe fez bolachas, só porque quer ficar com todas para ele.

Não é este o coração que recebemos do Pai. Pelo contrário, Deus colocou em nós a convicção de que Ele é tão grande que mesmo que todos venham a ele, haverá sempre muito para todos. Deus colocou em nós um coração amoroso e cheio de compaixão (às vezes só precisamos de o exercitar um pouco) que deseja tal como Ele, que todos se salvem. É porque sentimos isto em nosso coração que pedimos que Deus tenha misericórdia daqueles que ainda não O conhecem. Eles estão cegos, dominados por outros reinos que os levam a fazer coisas profundamente más. Nós pedimos para que a Vontade eficiente de Deus afaste a influência desses reinos e tome posse da vida dessas pessoas que de outro modo estarão para sempre perdidas.

Por último, parece-me evidente que não teríamos legitimidade ao fazer esta oração em relação aos outros se não a fizéssemos em primeiro lugar para nós próprios. É necessário e urgente que coloquemos a vontade de Deus em primeiro lugar na nossa vida. Em relação a todos os assuntos: casamento, família, carreira profissional, estudos, ministério, finanças, corpo, relacionamentos, igreja. Lembra-te que o Reino de Deus é o alcance da Sua Vontade eficiente. Se a vontade de Deus não controla a tua vida, isto é, se ela não é eficaz em ti, isso significa que estás a ficar à margem deste Reino. Que Deus está a perder a sua influência em ti. Por isso, talvez não seja de admirar que já não sintas prazer em ir aos cultos. Nem em orar. E tudo parecer correr contra ti.

Numa outra ocasião, quando Jesus preparava os discípulos para continuarem o trabalho que Ele tinha iniciado, ensinava-os dizendo: “Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito.” (Jo. 15:7) Que tremendo! Tudo aquilo que pedirmos? Sim, se permanecemos nele, isto é, se estamos no alcance da Sua vontade. Muitos cristãos se debatem por toda a vida tentando descobrir qual é a vontade de Deus para as suas vidas. E esperam que Deus lhes dê uma resposta tipo sarça-ardente. Mas, aquilo que Jesus está a ensinar aos discípulos é que quando submetemos a nossa vida à direcção do Espírito Santo, quando nos deixamos ficar perto de Deus, quando nos deixamos purificar pela Palavra, então aquilo que escolhermos ou pedirmos será a Vontade de Deus. Porquê? Porque estamos dominados por Ele.

Sabemos que somos fracos, que temos limitações, que nem sempre somos sábios nas nossas escolhas. E, então pedimos ao Pai que nos ajude a ultrapassar estas dificuldades tomando posse da nossa vida - proclamamos o nosso desejo que Deus seja nosso Senhor.

Até onde estamos dispostos a ir para demonstrar o nosso amor pelo Pai? Até ao ponto em que abdicamos livremente das nossas escolhas e vontade, em que submetemos a nossa vida à soberania de Deus. Até ao ponto de dizermos: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de

Deus, o qual me amou e se entregou a Si mesmo por mim.” (Gl.
2:20)

Capítulo 3

O lugar do “Eu”

O pão

O perdão

A segurança

“A oração não é um caso de tentar persuadir a Deus para nos dar aquilo que queremos. Orar é dar-nos a Deus para que ele possa agir por nosso intermédio de acordo com a Sua vontade.”

Agnes Sanford

Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma benção tal, que dela não vos advenha a maior abundância”. (Ml. 3:10)

Tenho a sensação que muitas vezes nos esquecemos que Deus deseja abençoar-nos. O texto que leste acima revela um Deus ansioso por abençoar o Seu povo. Deus desejava manifestar a Sua Presença e o Seu Poder na vida daquelas pessoas, mas não podia por causa da incredulidade e dureza do seu coração¹¹. Deus leva muito a sério as promessas que faz. É o Seu Nome que está em causa. Ele não mente. Ele não exagera. Ele não alimenta

¹¹ Se leres todo o Livro de Malaquias (não é muito grande) rapidamente percebes que Deus está furioso com o povo de Israel. O povo tinha perdido a sua sinceridade para com Deus, e a vivia afastado na sua própria religiosidade e ritualismos. Isso não agradava a Deus, e por isso ele envia a mensagem de juízo através de Malaquias. No entanto, se atentares bem para aquilo que Deus diz podes sentir como Ele estava magoado com a atitude do povo. O seu coração estava ferido porque o povo não O amava. A Sua bondade estava retida porque o povo não a queria receber. Além de ferirem a Santidade de Deus, estes filhos feriam o coração do Seu Pai.

falsas esperanças. Mas, o que promete, Ele cumpre. Porque pode. Porque quer. Porque essa é a Sua natureza.

Por isso, não é com espanto que sentimos em Deus, o *choque* do pai que quer dar coisas boas ao seu filho e este as rejeita. Mais do que o choque, a tristeza, a decepção, o desprezo, o coração ferido e sangrante do Pai que olha para os seus filhos correndo por toda a parte e esforçando-se por obter as coisas que Ele anseia por dar. É o aperto de coração do Pai que sente que os seus filhos não confiam nele para aquilo que é necessário.

Agora, pára um pouco. Responde a esta questão: Já te desiludiste com Deus? Responde sinceramente, esquece as respostas *politicamente* correctas. Já alguma vez sentiste que Deus estava longe, que não se importava contigo? Quando foi a última vez que pensaste: “Não é justo! Porque é que estas coisas acontecem comigo? Onde estás, Deus?” As tuas orações parecem não ter resposta? Então é tempo de ouvir a voz do Pai.

A vida é incerta. Um dia tudo corre bem. És promovido no emprego. Estás bem de saúde. Os teus pais celebram mais um aniversário de casamento. A tua namorada diz: Sim! As crianças triunfam na escola. E, num piscar de olhos, ela surge. Nem te apercebes muito bem donde veio. Sentes-te perdido. Frustrado. Derrotado. Ferido. Ela chegou, a tempestade. O patrão entrega-te a carta que nunca desejarias receber. O ente querido parte. O divórcio bate à porta. Cais numa cama. E, nesta altura apetece-te perguntar: Porquê? Apontas o dedo a Deus. “Onde estás? Porque

me deixas passar por tudo isto?” Mas, Ele está mesmo ao teu lado. Atento. Querendo ajudar.

Noutras alturas, vives despreocupadamente, como se em ti encontrasses tudo aquilo de que precisas. Continuas a pensar em Deus, e a inclui-Lo no teu tempo, mas apenas por cortesia, e descargo de consciência. Dás-Lhe o resto do teu tempo. Do teu dinheiro. Das tuas forças. Batalhas. Fazes pela vida. E, quanto mais te esforças, mais é exigido de ti, e menos sobra para Deus. Quando surge um problema, lanças uma oração interesseira, como se Deus fosse uma máquina automática de resposta a orações e solução de problemas. E, esperas. Esperas mais um pouco. Nada. Ficas furioso com Deus. Será que Ele não te ouviu? E, exiges um pouco mais. E protestas. Nada. E perante o silêncio, pensas que Deus não é assim tão bom, e nem está sempre presente como te disseram. Afastas-te mais um pouco. Sentes-te só. Mas, Ele está mesmo ao teu lado. Atento. Querendo ajudar.

Deus não te promete que terás uma vida fácil. Ele não diz que fará de ti uma pessoa famosa. Que a tua conta bancária milagrosamente não parará de crescer. Que terás uma saúde de ferro. Que a tua família estará isenta dos problemas que afectam todas as outras. As tempestades vão surgir. Elas também são importantes. O que Deus te garante é que estará contigo. Ao teu lado. Conduzindo-te até lugar seguro¹².

¹² “Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome; tu és meu. Quando passares pelas águas, estarei contigo, e, quando pelos rios, eles não te submergirão; quando

Aquilo que é essencial é que não esqueças as promessas que o Pai te faz. Antes de apontares o dedo a Deus, aponta-o primeiro a ti. Quando pensares que Deus não é bom para ti, pensa primeiro se tu estás a ser bom para com Deus. Em vez de julgares as respostas de Deus, examina a tua vida. Em lugar de pedires para depois dar, dá para receberes. Nem sempre as provas serão resultado de algum pecado na tua vida, mas muitas vezes estarás apenas a colher as consequências das tuas próprias escolhas¹³.

Lembras-te daquilo que falamos no capítulo anterior? Deus é o centro. A chave da tua vida de oração, e da própria experiência cristã é fazer de Deus o centro de todas as coisas. É buscar primeiro a Ele, e esperar que o resto seja acrescentado. Lê novamente o versículo do início. Não é isso que Deus está a dizer ao povo? “Trazei os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois...” (Ml. 3:10) “Primeiro busquem os meus interesses,” - podemos ouvir Deus a dizer - “a minha glória, dêem-me aquilo que é meu. E depois...” Só quando colocamos Deus acima de todas as coisas, e lhe entregamos o domínio sobre a nossa vida, é que as outras coisas nos são acrescentadas. Será que isso faz de Deus egoísta? Ou interesseiro? De modo nenhum! Não te esqueças que Ele só te dá alguma coisa porque te ama. Deus não tem obrigação nenhuma para contigo. Pelo contrário, somos nós que devemos tudo a Deus. E o facto de

passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti. Porque eu sou o Senhor, teu Deus, ..., o teu Salvador.” Isaías 43:1-3

¹³ “Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará.” Gálatas 6:7

tu O buscares em tudo, e de renderes a tua vida à Sua Vontade é uma demonstração de que tu verdadeiramente O amas, e adoras. Lembras-te de termos falado daquilo que Deus pensa acerca das palavras que não são seguidas de atitudes correspondentes? De que serve a Deus, ou a ti, dizeres que O amas, que ele é O maior, que és dele, se não confias, se não acreditas que Ele toma conta da tua vida?

Deus deseja abençoar a tua vida mas só o fará quando tu submeteres a tua vida a Ele. (Sl. 37:4,5)¹⁴ Deus não tem medo de arrazoar contigo. Ele não se esquia da possibilidade de se sentar à mesa contigo a debater o que se passa com a tua vida. Ele mesmo diz: “...depois fazei prova de mim...” Deus vai dizer-te: “Eu fiz isto e isto, e dei-te aquilo e aquilo. E tu?”; “Eu prometi que faria assim e assim, e foi isso mesmo que eu fiz. E, tu prometeste que farias assim e assim. Onde está aquilo que prometeste?” Deus é Fiel. Ele cumpre. Sempre.

Podes pensar: “Se Deus sabe aquilo que eu preciso, e quer dar-me isso, porque é que Ele não me dá de qualquer maneira?” A questão é: Deus quer que tu saibas quem te dá essas coisas. Deus não desperdiça o seu Poder ou Glória. Sempre que Deus age há um propósito - aumentar a Sua Glória! Por isso, Ele vai agir na tua vida de um modo sobrenatural quando tu estiveres disposto a aceitar esse sobrenatural, e a dar-Lhe o reconhecimento devido. Por isso, Jesus ensina os discípulos a oração do “Eu preciso...” Eu

¹⁴ “Deleita-te também no Senhor, e ele te concederá o que deseja o teu coração. Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e Ele tudo fará.”

preciso... O Pão... O Perdão... A Segurança... (Mt. 6:11-13) Mas esta oração não está desligada do resto, daquilo que vem antes, que é a adoração e o reconhecimento do senhorio de Deus sobre a nossa vida. A oração continua sem perder de vista o Pai amoroso que tem o melhor para os seus filhos.

Deus não quer ouvir o nosso *“eu preciso”* por ser um pai mau, tirano, que só nos dá alguma coisa depois de nos humilharmos muito. O próprio Senhor Jesus diz mais tarde aos discípulos: “Se vós, sendo maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?” (Mt. 7.11) Penso que a ênfase está no pensamento citado no início do capítulo. *“A oração não é um caso de tentar persuadir a Deus para nos dar aquilo que queremos. Orar é dar-nos a Deus para que ele possa agir por nosso intermédio de acordo com a Sua vontade.”* (Agnes Sanford).

O Pai deseja ouvir-nos dizer que confiamos nele para orientar a nossa vida. Ele quer ouvir-nos admitir que por nós mesmos não podemos ultrapassar uma situação, ou que pelo menos preferimos que seja Ele a resolver as coisas. E quando fazemos isso, nós estamos a dar a Deus o crédito por todas as coisas que acontecem na nossa vida. Se temos emprego, é por Ele. Se temos o que comer, é por Ele. Se estamos bem, é por Ele. E, então, o Pai é glorificado mesmo nas coisas que pedimos e de que necessitamos.

Mas, penso que há ainda um outro propósito em nos dirigirmos a Deus para deixarmos as nossas petições. Além de estarmos a honrar a Deus com a nossa confiança nele, nós também estamos a ter benefício. E não estou a falar só de quando vem a resposta. Quando te sentes triste ou preocupado com alguma coisa o que é que costumás fazer? Normalmente quando nos sentimos assim procuramos alguém com quem falar, para desabafarmos, ou buscarmos conselho. E, no fim, estamos mais tranquilos e aliviados porque partilhamos o fardo com outros, fomos consolados e sabemos que agora podemos contar com alguém que nos vai ajudar.

Quando oras isto acontece também. Estás a falar com Deus, a contar-lhe os teus problemas, as tuas lutas. Confessas algum pecado que cometeste. Admites uma dificuldade, pedes a intervenção de Deus. E neste processo, o Pai vai curando as tuas feridas, aliviando o teu fardo. A Sua Paz domina o teu coração, porque sentes que agora Ele está no controlo¹⁵. E ouves a Sua voz que te diz que tudo está bem, Ele está contigo e não te deixará. E naquele instante a tua vida é transformada, as tuas forças renovadas, e o louvor enche o teu coração. Este é o poder da oração.

Deus está à espera de te abençoar. Ele espera o teu: “Eu preciso...”

¹⁵ “Não estejais inquietos por coisa alguma; antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com acções de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus.” Filipenses 4:6-7

O pão

Jesus disse:

“Portanto, o meu conselho é: Não fiquem preocupados a respeito de coisas: o que comer, o que beber e o que vestir. Porque vocês já têm a vida e o corpo - e eles são muito mais importantes do que o comer ou que o vestir. Olhem os passarinhos! Eles não se preocupam com a comida - eles não precisam semear, colher ou guardar comida - pois o vosso pai celeste os alimenta. E para Deus, vocês valem mais do que os passarinhos. Será que com todas as preocupações juntas poderão acrescentar um único momento à vossa vida?

E por que ficar preocupados com a roupa? Olhem os lírios do campo! Eles não se preocupam com isso. Até o rei Salomão, em toda a sua glória, não se vestiu tão bem como um deles. E se Deus cuida tão maravilhosamente das flores, que hoje estão aqui e amanhã já desapareceram, será que Ele não vai, com toda a certeza cuidar de vocês? Vocês têm uma fé muito fraca.

Portanto não se preocupem de forma alguma com a necessidade de comida e roupa suficientes. Não sejam como os pagãos! Pois eles orgulham-se dessas coisas todas, e estão muitíssimo interessados nelas. Mas o vosso Pai celeste, já sabe muito bem que vocês precisam delas, e Ele vos dará, se O colocarem no primeiro lugar das vossas vidas.

Portanto, não fiquem preocupados com o dia de amanhã. Deus cuidará do vosso dia de amanhã também. Já é suficiente a preocupação de cada dia.”

(Mateus 6:25-34, A Bíblia Viva)

A ansiedade e o *stress* estão hoje na base de grande parte, se não da maioria, dos problemas e doenças humanas. Depressões. Esgotamentos nervosos. Fraca produtividade no trabalho. Sentimentos de inferioridade. Disfunção familiar. Toxicodependências. Doenças psicossomáticas. Doenças cardíacas. Úlceras gástricas. A lista poderia continuar por muito tempo. Apesar de todos os avanços tecnológicos e científicos a vida do homem no planeta terra não se tem tornado num paraíso. Pelo contrário. O recurso a medicamentos antidepressivos e ansiolíticos, bem como de substâncias moduladoras do humor, vulgo drogas, aumenta assustadoramente à medida que mais e mais pessoas se esforçam por suavizar o fardo que a própria vida lhes impõe.

É portanto fácil, que a Igreja se veja muitas vezes envolvida na mesma corrida desenfreada da solicitude da vida e se esqueça do Pai que pode tudo, e está pronto a ajudar. Se pudéssemos ver os nossos rostos cansados, abatidos, perplexos, desiludidos, quando estamos na Casa de Oração! Temos os rostos cerrados enquanto cantamos que “Deus é Bom!”. Os nossos olhos palmilham o chão, enquanto o pregador nos lembra que “Deus vai adiante de

nós, e nos fará vencedores!”. E, as conversas no final? “Então, irmã, como foi essa semana?” “Ah, eu estou muito mal! Estou muito doente!”; “Ninguém sabe aquilo que eu estou a sofrer!”; “Parece que tudo me corre mal!”; “Ninguém me percebe. Tenho-me sentido muito só!”; Logo a seguir vem a resposta aprendida ao longo de anos de *experiência cristã*, sussurrada no mesmo tom abatido e com o mesmo olhar derrotado: “O Senhor cuidará de tudo.”

Talvez exagere ao falar assim mas, muitas vezes a realidade é esta. Vivemos ansiosos, preocupados com tantas coisas e esforçamo-nos tanto por tentar resolver tudo sozinhos que acabamos por nos esquecer de Deus. E quando nos lembramos dele, tantas vezes isso parece não fazer diferença.

Depois de Jesus ter ensinado aos discípulos a colocar os interesses de Deus em primeiro lugar, mesmo nas orações, Ele começa a ensiná-los sobre como pedir, e o que pedir. “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje.” (Mt. 6:11) Jesus conhece muito bem as exigências da vida no planeta Terra. Ele sabe o que é viver num clima de instabilidade política e de insegurança, quando a qualquer momento um grupo de soldados ou polícias pode entrar em casa e levar-te prisioneiro só porque pensas de maneira diferente, ou alguém te acusou de uma coisa que não fizeste. Ele conhece o suor do trabalho. A rejeição dos amigos. Ele sabe o que é viver sem saber se estarás vivo no próximo momento, porque os teus inimigos arremetem contra ti. Ele

percebe as tuas necessidades quando não tens onde dormir ou o que comer. Ele conhece a frustração de querer fazer alguma coisa e isso falhar. Ele sabe. E porque sabe, ensina-te a pedir ao Pai tudo aquilo de que necessites.

Deus sabe que a ansiedade pode destruir a tua vida. Que limita as tuas opções. Que perturba o teu raciocínio. Ele conhece o peso que ela coloca sobre ti. Ele vê as suas consequências. E a sua origem. Ouve o que Deus disse a Adão, ainda lá no Jardim: “Porquanto deste ouvidos à voz da tua mulher e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; *com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos e cardos também te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto, comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado, porquanto és pó e em pó te tornarás.*” (Gn. 3:17-19, *ênfase meu*) Deus não criou o Homem para viver esta vida. Esta é uma consequência directa da sua desobediência, do seu pecado. Tu não podes anular isso. Mas, Deus pode!

É por isso que, como leste no início desta secção, encontramos Jesus a chamar a atenção dos discípulos, e certamente a nossa, para algumas verdades fundamentais do nosso relacionamento com o Pai. Ele fala de passarinhos. E de flores. A própria criação de Deus nos ensina que o nosso Pai, que está nos céus, está atento à nossa vida e cuidará de nós. Se Deus cuida tão bem destas Suas pequenas criaturas, não cuidará também de *ti*, a

excelência da criação e Sua possessão eterna por Jesus Cristo? Certamente que sim! Então é em vão que nos preocupamos e vivemos ansiosos - Deus, o Pai que conhece as nossas necessidades, está disposto e pronto a suprir cada uma delas.

Escolhi o texto da Bíblia Viva porque me parece que capta o sentido das palavras de Jesus de um modo muito mais forte. “Vocês têm uma fé muito fraca!”, diz Jesus aos que O ouviam. Aqueles que não conhecem a Deus, é que se esforçam por fazer tudo sozinhos. Eles lutam e trabalham por *coisas* que não têm valor nenhum para Deus. E quando nós deixamos de confiar em Deus, e tomamos os assuntos em nossas mãos nós estamos a agir como eles, como aqueles que não têm esperança. Achamos que há coisas pequenas demais para estarmos a incomodar o Pai com elas. Pensamos talvez que se fizermos algumas coisas em vez de estarmos sempre a depender de Deus, que isso O vai impressionar.

Sobre este pensamento gostava de introduzir aqui um pequeno excerto de um livro de Max Lucado. O título do capítulo é: “O que faz Deus sorrir” (4). O texto é assim: “Se ao menos, quando Deus sorri e diz que estamos salvos, nós O saudássemos, agradecêssemos, e vivêssemos como aqueles que acabaram de receber um presente do Comandante. No entanto, raramente fazemos isso. Preferimos obter a salvação pelo velhinho método: merecendo-a. Aceitar a graça é admitir o fracasso, um passo que hesitamos em dar. Optamos por impressionar a Deus com o quão bons somos em vez de confessar quão grande Ele é. Entretemo-nos

com doutrina. Carregamo-nos com regras. Pensamos que Deus irá sorrir com os nossos esforços. Não vai. O sorriso de Deus não vai para o montanhista vigoroso que se gaba de ter feito a jornada sozinho. É, em vez disso, para o pobre aleijado que pede a Deus um ombro onde se apoiar.”

Jesus está a ensinar-nos que Deus está connosco sempre. E que Ele quer ajudar-nos. Jesus dá-nos a solução para a nossa ansiedade: confiar e depender de Deus. Não entendo esta petição, “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”, como uma forma de obter de Deus alguma coisa, ou de O pressionarmos a agir em nosso favor, mas antes como se estivéssemos a dizer-Lhe: “Há algumas coisas que me preocupam hoje, isto e isto e mais aquilo. Não sei como resolvê-las. Mas, Tu sabes. Por isso entrego-as nas Tuas mãos. Obrigado por cuidares de mim.” Uma antiga oração dos judeus dizia assim: “Senhor, as necessidades do teu povo Israel são muitas, e a sua sabedoria é pouca, de modo que não sabem como supri-las: Seja a Tua boa vontade dar a cada homem o que é suficiente para o seu alimento.”

Por vezes, parece que temos receio de pedir coisas materiais a Deus. Como se a responsabilidade de Deus fosse sobre as coisas espirituais, e a nossa sobre as materiais. Mas Jesus diz-nos que devemos orar pelo pão - e, isto é literalmente pelo nosso alimento físico. Tudo provém de Deus. Ele é a Fonte de todas as

benções, materiais e espirituais¹⁶. Por isso, é a Ele que devemos pedir todas as coisas, e também agradecer por tudo. No entanto, a Palavra de Deus também nos ensina como devemos pedir. Pedimos apenas aquilo que nos é necessário. A porção justa. Para glória do Pai. Não pedimos nada para nossa glória, nem para satisfazer a nossa carne.¹⁷

“Logicamente esta petição personifica a confiança no Pai que nos alivia de toda a ansiedade. A ênfase recai sobre *nos dar hoje* aquilo que precisamos *hoje*. Isso porque Deus está sempre presente hoje, seja o dia que for. O Seu reinado é o Eterno Agora. Por isso não pedimos que Ele nos dê hoje o que só precisaremos amanhã. Tê-lo na mão hoje não é garantia de que o teremos amanhã, quando realmente precisaremos. Hoje eu tenho a Deus, e Ele tem as provisões. Amanhã será o mesmo. Então eu simplesmente peço hoje o que preciso hoje, ou peço agora o que preciso agora.” (Dallas Willard, *in* “A Conspiração Divina” (2 p. 289)).

Esta confiança e dependência de Deus são suaves à nossa alma, à medida que vamos experimentando o cuidado do Pai. “Não se aflijam com nada; ao invés disso, orem a respeito de tudo; contem a Deus as vossas necessidades, e não se esqueçam de Lhe agradecer as Suas respostas. Se fizerem isto, vocês terão experiência do que é a paz de Deus, que é muito mais maravilhosa

¹⁶ “Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação.” Tiago 1:17

¹⁷ “Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites.” Tiago 4:3

do que a mente humana pode compreender. A sua paz conservará a vossa mente e coração na calma e tranquilidade, à medida que vocês confiam em Cristo Jesus.” (Fl. 4:6-7, A Bíblia Viva)

Deus coloca à tua disposição o maior e mais eficaz ansiolítico que existe. Aprender a confiar a Ele os teus problemas, a descansar na Sua Providência, e então gozarás a Sua Paz.

O perdão

Não é só em relação às questões materiais que as pessoas respondem com ansiedade. No mundo ocidental e desenvolvido como aquele em que vivemos, talvez esta até nem seja a principal preocupação. Mas, ainda assim as pessoas vivem sobrecarregadas, oprimidas e angustiadas. E aquilo que leva alguns a recorrer às drogas, ao sexo desenfreado e às vezes até à violência está intimamente ligado à sua realidade social e emocional, aos seus relacionamentos. A Bíblia ensina-nos que Deus criou o Homem como ser relacional. Nunca foi intenção de Deus que o Homem estivesse sozinho. A dinâmica de relacionamentos está presente desde a Criação, quando Deus visitava o Homem, e quando juntou Adão e Eva no Jardim do Éden. Deste modo a satisfação plena só existe quando há um equilíbrio nos nossos relacionamentos.

Há dois níveis ou tipos de relacionamentos que todo o ser humano experimenta. O relacionamento com Deus, e o relacionamento com os outros. Não é possível ignorar nenhum deles, e aquilo que escolhemos fazer com eles afecta

invariavelmente a nossa vida, tanto presente como futura. Esta questão tem tanta importância que o próprio Senhor Jesus condensou toda a vontade de Deus e o Seu propósito para nós em torno de relacionamentos: “Amarás ao Senhor teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo.” (Lucas 10:27)

O nosso problema é que a harmonia dos nossos relacionamentos foi quebrada quando pecamos. O pecado é sempre um elemento disruptor da comunhão, porque ofende e fere e magoa e desilude e trai confiança. Assim, o nosso pecado afasta-nos de Deus, da mesma maneira que nos afasta uns dos outros. Não nos surpreende, portanto, que Jesus nos conduza à questão do perdão. “Perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a qualquer que nos deve”. (Lucas 11:4)

Ao orar recordamos que fomos perdoados e que precisamos perdoar. “Como perdoamos aos nossos devedores não significa que o perdão que concedemos aos outros nos garanta o direito de sermos perdoados. Antes, Deus perdoa somente o arrependido, e uma das principais evidências do verdadeiro arrependimento é um espírito perdoador.” (Stott) Ou seja, isto leva-nos a concluir que, uma vez que já experimentamos o perdão de Deus, somos motivados a estender essa experiência aos outros. “Aquele que se recusa a perdoar não será perdoado porque se afastou do amor e da misericórdia. Mas, aquele que perdoa abre a sua vida à graça

libertadora do perdão do Senhor.” (*in* Guia do Discípulo (5))¹⁸ A Bíblia vai mesmo ao ponto de dizer que o pecado, e isto certamente inclui os nossos conflitos não resolvidos e a falta de perdão, bloqueia a nossa comunhão com Deus, e até chega a impedir que as orações sejam respondidas. (1 Pedro 3:7, Provérbios 28:9)¹⁹

Começamos então a perceber que, se queremos que as nossas orações façam algum sentido, devemos estar em paz com Deus e com os homens. Quando utilizamos um telefone para falar com outra pessoa, se houver ruído na linha, a nossa comunicação vai ser prejudicada. Aquilo que dizemos não vai ser recebido pela outra pessoa, e vice-versa. A comunhão é quase anulada. E, se houver algum problema com a linha que a bloqueie completamente, por exemplo um fio cortado, a comunicação será mesmo impossível. Esta é uma parábola daquilo que acontece na nossa vida. À medida que vais deixando que o pecado se acumule na tua vida, o teu canal de comunicações com Deus e com os outros vai sendo perturbado. Se não fizeres nada quanto a isso, vai haver uma obstrução total, e aí a comunhão está completamente perdida. Quando uma das veias ou artérias que alimenta o teu coração fica obstruída, o coração sofre, e

¹⁸ Em 1 João 4:20 lemos que “...Quem não ama a seu irmão, ao qual viu, não pode amar a Deus, a quem não viu.”

¹⁹ 1 Pedro 3:7 referindo-se ao relacionamento entre marido e mulher, “Igualmente, vós, maridos, vivei com elas (as esposas) com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais frágil, e como sendo elas herdeiras convosco da graça da vida, *para que não sejam impedidas as vossas orações.*”

Provérbios 28:9 “O que desvia os seus ouvidos de ouvir a lei, até a sua oração será abominável”.

acontece um enfarte. Se a obstrução for suficientemente grande e grave, normalmente resulta em morte. A Bíblia adverte-te quanto a esse perigo: “Desperta, ó tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te iluminará.” (Efésios 5:14) Jesus chama-te ao arrependimento.

O modelo de conduta que Deus nos deixou para os nossos relacionamentos uns com os outros é este: “Antes sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, *como* (da mesma maneira, com a mesma grandeza, uma vez que) *também Cristo vos perdoou.*” (Efésios 4:32) O apóstolo está dizer que não deves deixar que os teus relacionamentos corram naturalmente ao sabor das circunstâncias, mas que deves estar activamente empenhado, e trabalhar afincadamente e com esforço para que eles cresçam! Esta é a dinâmica do Reino. “[Deus] restaurou o nosso relacionamento consigo por meio de Cristo e nos deu o *ministério da restauração de relacionamentos.*” (2 Coríntios 5:18, GW (6)) O primeiro ministério que Deus te dá não é de música e louvor, nem o pregar, nem o de ensinar, nem o de ser pastor, mas o de restaurar relacionamentos. Este ministério envolve não só o partilhares com os outros o que Cristo fez em ti, para que se reconciliem com Deus, mas também tu mesmo te reconciliares com eles. (ver Hebreus 12:14; Tiago 3:18; 1 Pedro 3:8-11)²⁰

²⁰

Hebreus 12:14 diz, “Segui a PAZ com todos...”

Tiago 3:18 fala-nos daquilo que produz justiça na nossa vida, “Ora, o fruto da justiça semeia-se em PAZ para os que promovem a paz.”

Deus dá tanta importância ao modo como te relacionas com os outros (o que envolve as tuas atitudes e sentimentos para com eles - e portanto, o teu mais íntimo ser) que Jesus chega mesmo a dizer que a restauração de um relacionamento em risco, perdendo e fazendo as pazes, deve até mesmo ter precedência sobre a tua adoração. Ele disse: “Se entrares no lugar da adoração, e na hora de entregar a oferta, repentinamente te lembrares de um rancor que um amigo tem contra ti, abandona a tua oferta, deixa-a imediatamente, procura esse amigo e acerta as contas com ele. Então, só depois de fazeres isso, volta e acerta as coisas com Deus.” (Mateus 5:23,24, *Msg* (6)) É isto que Jesus quer dizer com “perdoa-nos como temos perdoado”. Quando tu não estás disposto a amar, a perdoar, e a deixar para trás o rancor, a ira, a amargura, o desejo de vingança, não estás em posição de te apresentares diante de Deus. O teu coração não está pronto para o Amor de Deus.

Disse no início desta secção que há dois níveis de relacionamento - relacionamento com os outros e o relacionamento com Deus. Já falamos do primeiro, quero agora despertar-te para o segundo. Desde o início do livro que temos falado que a oração que Jesus está a ensinar aos discípulos é revolucionária sobretudo porque enfatiza a nossa posição e relacionamento com Deus. Deus não é mais encarado como o Senhor-distante-e-pouco-acessível, mas como Senhor-perto-de-

1 Pedro 3:8-22 dá-nos um modelo de conduta nos nossos relacionamentos que é agradável a Deus. No versículo 11 lemos, “Busca a PAZ, e segue-a.”

nós. Ele é o verdadeiro Pai de seus filhos. Mas também já vimos que isso não diminui nenhuma das qualidades e características de Deus, nem o respeito e reverência que Lhe devemos. A familiaridade desta nova relação com Deus, não nos dá liberdade para nos comportarmos como bem entendemos. Pelo contrário, agora que temos um acesso tão livre a Ele, e a oportunidade para O conhecermos como nunca antes, devemos sentir-nos constrangidos a Amar, a Obedecer e a Seguir voluntariamente. É por isso que a questão do perdão é tão importante - só a misericórdia de Deus torna a vida possível. (ver Salmo 103:10-14; Lamentações 3:21-23)²¹ Não podes chegar-te à presença de Deus, que é Santo, Santo, Santo, sem sentir a tua culpa e o peso do teu pecado; e não podes permanecer lá enquanto não te livrares desse pecado; e só a confissão desbloqueará o perdão e justificação de Deus. Já dissemos que o pecado impede as nossas orações, ele bloqueia a comunhão que temos com Deus e isso significa morte espiritual. Esta é, portanto, uma questão fundamental - de vida ou morte.

Dallas Willard (2 p. 293) coloca a questão da seguinte maneira: “Hoje muitos cristãos lêem e dizem “perdoa-nos os nossos pecados” como “dá-me uma oportunidade”. Assim, numa

²¹ “Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos retribuiu segundo as nossas iniquidades. Pois quanto o céu está elevado acima da terra, assim é grande o seu amor para com os que o temem. Quanto está longe o oriente do ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões. Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que o temem; pois Ele conhece a nossa estrutura, e se lembra de que somos pó.” Salmo 103: 10-14

“Entretanto disto me recordo, e portanto tenho esperança: as misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, pois as suas misericórdias não têm fim. Novas são a cada manhã; grande é a Tua fidelidade.” Lamentações 3:21-23

atitude bem ao gosto do final do século XX, salva-se o ego e o seu egoísmo. “Eu não sou um pecador, só preciso de uma oportunidade”. Mas não, eu preciso mais do que uma oportunidade. Preciso de piedade em função do que sou. Se o meu orgulho permanece intocado quando oro pedindo perdão, então não orei por perdão. Nem sequer entendo o que é perdão.”

Já fiz referência a este texto, quando a Bíblia diz: “*Como um pai se compadece dos filhos*, assim o Senhor se compadece daqueles que o temem.” (Salmo 103:13) Mais uma vez somos dirigidos para o novo relacionamento que agora temos com Deus. Este texto faz-me lembrar o testemunho que certa vez li acerca de um homem que Deus levantou na Índia. O seu nome era Sundar Singh²² e era Sik, uma das castas religiosas do seu país. A sua família era tremendamente religiosa, especialmente sua mãe que se tornou a grande influência da sua vida na busca pelo divino. Certa ocasião, quando Sundar era ainda criança (e antes de se converter ao cristianismo), ele viu-se confrontado com uma situação que muito o marcou. Por influência de sua mãe, Sundar era muito religioso. No entanto, o seu zelo era de todo sincero, e nada fazia porque era obrigado. Um dia, quando passava na rua, viu uma mulher que mendigava. Sundar levava na mão algumas moedas que o pai lhe tinha dado para comprar guloseimas, mas o confronto com aquela mulher e a sua necessidade, impulsionou-o a ajudá-la. No entanto, aquelas poucas moedas pouco fariam para

²² A história deste homem de Deus, missionário no seu próprio país, a Índia, é narrada no livro “O Apóstolo dos pés sangrentos”

resolver o problema da pobre mulher, por isso, Sundar correu para casa. Chegando, falou com seu pai e pediu-lhe que lhe desse 5 rupias²³ para dar à mulher. O pai, ocupado com os seus afazeres, respondeu-lhe de forma evasiva e não lhe deu o dinheiro. Então, o menino foi e tirou da carteira do pai a quantia necessária. Saiu a correr de casa, mas logo parou. A sua consciência pesava-lhe. Sundar sempre fora obediente e muito zeloso de todos os preceitos da sua religião, e ele sabia que aquilo que estava a fazer era errado. Mesmo tentando justificar-se dizendo que era por uma boa causa, Sundar não conseguiu entregar aquele dinheiro à mulher. Voltou para casa. O pai, logo descobriu a falta do dinheiro mas, mesmo questionando o filho, ele não disse nada. A sua consciência o acusava cada vez mais. Nessa noite, não conseguiu dormir. Virou e revirou-se na cama, mas os acontecimentos do dia roubavam-lhe o sono e o sossego. O seu pai sempre tinha sido bondoso com ele, a confiança que tinham era mútua, mas agora ele tinha traído o seu pai. No dia seguinte, pela manhã, Sundar aproximou-se do pai e confessou-lhe tudo o que tinha acontecido e preparou-se para o castigo. Surpreendentemente, o pai o tomou e disse-lhe: “Eu sempre confiei em ti, meu filho, e agora vejo que não me enganava.” E estendendo-lhe a mão deu-lhe as moedas para que fosse dá-las à mulher.

²³

A rupia é a moeda usada na Índia.

Se és filho, podes confiar que o Pai estará sempre disposto a receber-te. Se não és, da mesma maneira Deus te receberá, se te arrependeres e confessares o teu pecado e a tua necessidade dEle. A oração que Jesus aqui nos ensina é tanto válida num nível espiritual - de relacionamento com Deus, como no nível da tua vida prática, uma vez que eles não podem ser separados. Aquilo que é verdadeiro num é revelado no outro. Quero pedir-te uma coisa. Pousa este livro. Faz uma pausa. Deixa que Deus fale à tua vida. Deixa que a Palavra trabalhe em ti. Este é o tempo para reflectires. Não vale de nada continuares a ler acerca da oração, não adianta de nada o teres muitos conhecimentos, se primeiro não quebrares a tua vida diante dAquele que te pode dar Vida. Sonda o teu coração. Examina a tua vida. Certifica-te de que tu não és o obstáculo: confessa os teus pecados, recebe o perdão e começa a viver. *“Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça.”* (1 João 1:9)

A segurança

A sensação de segurança é fundamental para o normal desenvolvimento de qualquer ser humano, e para que a vida seja minimamente possível. Não é à toa que exigimos do nosso governo leis que restrinjam os limites da liberdade de cada um e que punam os infractores, nem que formamos uma parte da força trabalhadora do país para manter a paz e ordem pública - são as

polícias, os tribunais, e todos os directa ou indirectamente envolvidos na aplicação das leis. Para proteger o país investem-se milhões de euros na formação de tropas, na aquisição e manutenção de equipamentos e armamento, tudo em nome da segurança e da paz com os vizinhos! Temos uma necessidade intrínseca de nos sentir protegidos, e tudo fazemos para a satisfazer. Mas, se pode ser relativamente fácil assegurar a nossa protecção em relação a agressões físicas externas, já o mesmo não podemos dizer no que diz respeito às agressões que não podemos ver. Falo das agressões emocionais, sociais, psicológicas, e principalmente das espirituais. Neste campo as nossas armas convencionais pouco ou nada podem fazer.

Um pouco daquilo que falamos na secção anterior tem a ver com a nossa responsabilidade de garantirmos segurança àqueles que estão perto de nós e com quem nos relacionamos, e devemos fazê-lo activamente, colocando nisso todo o nosso esforço. Esta é a força do Reino de Deus - o Amor. É pelo Amor que Deus derramou nos nossos corações, que o Reino se torna uma comunidade curativa, afectuosa e segura para todos aqueles que nele se refugiam. É também o Amor a força que atrai todos aqueles que estão de fora e precisam ser curados, amados e sentir-se seguros. João diz-nos numa das suas cartas, “No amor não há medo. Antes o perfeito amor lança fora o medo, porque o medo produz tormento.” (1 João 4:18) A maior segurança nasce do Amor. O maior poder, a maior confiança, a melhor esperança está

firmada no Amor de Deus. E diz ainda, “Vede quão grande amor nos concedeu o Pai, que fôssemos chamados filhos de Deus. *E somos mesmo seus filhos!*” (1 João 3:1) Gosto da expressão de João “e somos mesmo seus filhos!”. É o grito de exclamação, de vitória, de alegria que não pode ser contida que vem da segurança que alcançamos apenas pela graça de Deus. A cumplicidade entre o pai e o filho tem por base o amor. E desde o início somos recordados que Deus é o nosso Pai, que está perto de nós, e que cuida de nós.

No entanto, quero recordar-te uma coisa. Embora a presença do pai produza uma sensação de segurança na criança, ela não afasta os potenciais perigos. A criança sente-se segura, age com confiança, mas o perigo pode espreitar a qualquer instante. Imagina, uma criança que brinca no parque. Ela corre, pula, ri, porque se sente bem. O pai vigia. Naqueles instantes parece que nada ruim pode acontecer, mas o perigo está lá. O baloiço pode quebrar. A criança pode tropeçar e cair. Pode aparecer um estranho. Um animal. No entanto, nenhuma destas coisas perturba a criança, porque o pai está lá. E embora o pai não impeça todas aquelas coisas de acontecer, ele está lá quando elas acontecerem para proteger a criança. Se confiamos assim nos nossos pais, que têm capacidades limitadas, quanto mais não devemos confiar em Deus, cujo poder não tem limites!

Jesus ensina-nos que o Pai também pode garantir a nossa segurança. “Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do

mal.” (Mateus 6:13) Este é, primeiramente, um “voto de confiança” nas capacidades de Deus, ao mesmo tempo que é um “voto de desconfiança” em nós próprios. É como se estivesses a dizer a Deus: “Pai, eu sei que há muitos perigos à minha volta. Há tentações. Há provas. Há circunstâncias difíceis. Há dores. Pai, é muito difícil para mim. Eu não consigo. Tenho medo de falhar, de cair. Mas, eu sei que Tu podes ajudar-me. Tu és forte. Tu podes tudo! Tu podes fazer-me evitar essas circunstâncias. Tu podes afastar de mim as tentações. E eu sei, que mesmo que não seja possível escapar, Tu me amas e me proteges, e no meio do fogo, ali estarás comigo. Eu sei que se Tu permitiste, então isso é o melhor para mim. É difícil, mas eu aceito.”

Nós pedimos o Livramento das provações, mas mantemos a confiança de filho de que, quando Deus permite que alguma provação nos alcance, isso não significa que Ele já não gosta de nós, ou que não se interessa, mas apenas que Ele tem em mente alguma coisa melhor do que o livramento. É esta convicção que levou Paulo a dizer, “Sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Pois quando estou fraco, então é que sou forte.” (2 Coríntios 12:10) Aquilo que de Jesus temos aprendido acerca de Deus, é que o sofrimento não é o método preferido por Ele para nos ensinar, mas por vezes é necessário. (ver Salmo 119:67; Hebreus 12:11)²⁴

²⁴ “Antes de ser afligido andava errado, mas agora guardo a tua palavra.” (Salmo 119:67)

A oração que Jesus nos ensina é a da dependência de Deus. Dependemos dele para o Pão, para o Perdão, e também para a Segurança. A expressão que Jesus utiliza, “*não nos deixes cair*” é mais do que uma acção de Deus sobre as circunstâncias para evitar as coisas más. Subjacente está a ideia do Velho Testamento em que Deus é quem conduz o seu povo e o introduz na Terra Prometida. Assim, na verdade, estamos a pedir a Deus que intervenha activamente nas circunstâncias, e nos conduza ao lugar que é melhor para nós - quer ele seja bom ou traga sofrimento. Isso significa que escolhes viver não de maneira independente, mas que esperas que o Pai te conduza. E fazes isto porque reconheces a tua própria inabilidade para viver a vida sozinho.

Muitos cristãos têm uma confiança excessiva na sua fé. Normalmente esta convicção nasce nos momentos de bonança, em que tudo vai bem. No entanto, a Bíblia ensina-nos o quão errados estamos quando pensamos assim. Certa ocasião, Jesus estava com os discípulos, e estes discutiam entre si quem seria o maior no Reino, quem ocuparia as melhores posições, qual deles teria o privilégio de se assentar ao lado de Jesus. Depois de passarem algum tempo com Jesus, estes homens tinham desenvolvido uma grande auto-confiança. Rapidamente eles se esqueceram de todas as circunstâncias difíceis em que a sua fé vacilou, e nas quais

“Na verdade, nenhuma correcção parece no momento ser motivo de gozo, mas de tristeza. Contudo, depois produz um fruto pacífico de justiça nos que por ela têm sido exercitados.” (Hebreus 12:11)

apenas o livramento de Jesus os salvou. A presença de Jesus fazia tudo parecer fácil e acessível. E, aos poucos, a sua confiança ia sendo transferida de Jesus para eles mesmos, como se eles pudessem fazer alguma coisa por sua própria capacidade. A sua fé, resguardada na protecção de Jesus, crescia, mas não tinha fundamento sólido. “Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu bebo, ou ser baptizados com o baptismo com que eu sou baptizado? Responderam: Podemos.” (Marcos 10:38,39) A auto-confiança destes homens era tal, que eles afirmaram sem reservas que poderiam suportar tudo aquilo que Jesus iria enfrentar. Mais tarde, no entanto, quando a hora de Jesus chegou, e Ele foi preso, todos os discípulos fugiram e se esconderam. Na hora da prova, a sua fé não prevaleceu. Este é um perigo real, e muitos cristãos estão sendo derrotados porque têm menosprezado a força do inimigo e não têm confiado apenas no Livramento do Pai.

Mas, Jesus naquela hora respondeu aos discípulos e disse: “Em verdade vós bebereis o cálice que eu beber, e sereis baptizados com o baptismo com que eu sou baptizado.” (Marcos 10:39) No entanto, alguma coisa precisava acontecer na vida daquele grupo de homens iludidos, auto-confiantes, e mais tarde, completamente prostrados, antes que esta palavra se cumprisse. Era necessário o Pentecostes. Era necessário quebrar o ego, render a vida Àquele que detém todo o Poder. Era necessário ser tomado pelo Espírito Santo. Não mais viver na própria força, mas

pelo Poder de Deus. Não mais confiar em si mesmo, mas depender inteiramente da Graça e do Amor do Pai. Depois disso, eles estavam prontos para serem participantes dos sofrimentos de Cristo. Agora, eles não mais fugiam das circunstâncias difíceis, não mais ficavam prostrados, mas em tudo davam graças.

“Não me deixes cair”, dependo inteiramente de Ti. Desconfio das minhas capacidades e da minha força. Sustenta-me pelo Teu Espírito. Enche-me. Cerca-me. Guia-me. Edifica a minha vida como uma torre forte. Tu és a minha Força. O meu socorro vem de Ti, meu Pai.

Capítulo 4

Coração de filho

“Oração é simplesmente:

*“Conversar com Deus sobre o que
estamos fazendo juntos”.”*

Dallas Willard

Jesus termina a oração com estas palavras de adoração: “Porque Teu é o Reino e o Poder, e a Glória, para sempre. Ámen.” (Mateus 6:13) Mais uma vez, Ele dirige a nossa atenção para O destinatário das nossas palavras - o Soberano do Universo, que é o nosso Pai. Isso torna a declaração de Dallas Willard ainda mais surpreendente! Será mesmo possível que Deus queira fazer alguma coisa juntamente comigo? Ele me valoriza tanto assim? A resposta, sem sombra de dúvidas, é: Sim!

Coração de filho

No entanto, de um modo maravilhosamente surpreendente, o nosso relacionamento com Deus vai muito além daquele que existe entre um servo e o seu senhor, mas alcança a perfeição e plenitude do relacionamento do Pai com os seus filhos. Jesus, nas últimas palavras que dirigiu aos seus discípulos antes de ser preso e depois ir à cruz, disse-lhes: “Vós sois meus *amigos*, se fizerdes o que eu vos mando. Já não vos chamo de servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor. Antes, tenho-vos chamado

amigos, pois tudo o que ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer. Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi, e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo o que em meu Nome pedirdes ao Pai, Ele vos conceda.” (João 15:14-16)

Há uma missão - dar fruto que permaneça. Há conhecimento do propósito divino - não somos servos, mas amigos e filhos com conhecimento do coração do Pai. Há um método infalível - “tudo o que em meu Nome (de Jesus Cristo) pedirdes ao Pai, Ele vos conceda.” E, há também, uma motivação indestrutível - o coração de filho.

Num dos capítulos anteriores, referimo-nos aos sentimentos que existem no coração dos verdadeiros filhos. Um filho tem prazer em conhecer o Pai, em amá-lo, o seu maior desejo é vê-lo glorificado, reconhecido por todos. O filho sente-se seguro quando confia no Pai, e segue-O por onde ele for. O projecto de vida do filho é cuidar dos negócios do seu Pai. Obedece porque Ama.

Tens-te comportado como filho? A oração, conforme Jesus a ensinou, é mais do que uma disciplina espiritual que te é imposta. Ela é o caminho aberto da comunhão com o Pai. Entra, hoje mesmo, neste caminho..... como filho!

Pai...

Em Ti vivemos,

Em Ti nos movemos,

Em Ti temos o nosso ser.

Tu dás Vida,

Tu dás o respirar,

Tudo vem das Tuas mãos.²⁵

²⁵

“In You”, Vineyard 2003, Just like Heaven (tradução livre)

BIBLIOGRAFIA

1. Peel, William Carr. *O que Deus faz quando os homens oram*. s.l. : United Press, 2000.
2. Willard, Dallas. *A conspiração divina*. s.l. : Mundo Cristão, 2001.
3. Hybels, Bill. *Ocupado demais para deixar de orar*.
4. Lucado, Max. *O que faz Deus sorrir*.
5. *Guia do Discípulo*.
6. Driver, John. *Ouçá Jesus: Um comentário sobre o Sermão da Montanha*. s.l. : Cristã Unida, 1995.
7. *Bíblia de Estudo Plenitude*. s.l. : Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.
8. Evans, Tony. *Deus é Tremendo*. s.l. : Editora Vida, 1999.
9. *God's Word Translation*. s.l. : Baker Publishing Group, 1995.
10. *The Message*. s.l. : NavPress Publishing Group, 1993, 1994, 1995, 1996, 2000, 2001, 2002. Usado com permissão..

Autor: HelderSoares

Página pessoal: <http://HelderSoares.bubok.pt>

Página do Livro:

<http://www.bubok.pt/libros/3676/Oracao--O-poder-esquecido-do-Cristao>

Um filho tem prazer em conhecer o Pai, em amá-LO, o seu maior desejo é vê-LO glorificado, reconhecido por todos. O filho sente-se seguro quando confia no Pai, e segue-O por onde ele for. O projecto de vida do filho é cuidar dos negócios do seu Pai. Obedece porque Ama.

Tens-te comportado como filho? A oração, conforme Jesus a ensinou, é mais do que uma disciplina espiritual que te é imposta. Ela é o caminho aberto da comunhão com o Pai.

Entra, hoje mesmo, neste caminho... como filho!

Ad Causam 

